

**EDUCAÇÃO, HOMOFOBIA E BARBÁRIE**

***EDUCACIÓN, HOMOFOBIA Y BARBARIDAD***

***EDUCATION, HOMOPHOBIA AND BARBARITY***



Fernando Teixeira LUIZ<sup>1</sup>  
e-mail: f.l Luiz@unesp.br

**Como referenciar este artigo:**

LUIZ, F. T. Educação, homofobia e barbárie. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 34, n. 00, e023020, 2023.  
e-ISSN: 2236-0441. DOI:  
<https://doi.org/10.32930/nuances.v34i00.10241>



| **Submetido em:** 07/09/2023  
| **Revisões requeridas em:** 19/10/2023  
| **Aprovado em:** 20/11/2023  
| **Publicado em:** 30/12/2023



ARTIGO SUBMETIDO AO SISTEMA DE SIMILARIDADE

---

**Editores:** Profa. Dra. Rosiane de Fátima Ponce  
Prof. Dr. Paulo César de Almeida Raboni  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis – SP – Brasil. Professor assistente da Unesp, Câmpus de Assis, Departamento de Educação.

---

**RESUMO:** O artigo configura o recorte de uma pesquisa maior, intitulada *Mosaico de imagens: escola, preconceito e violência no debate da produção audiovisual LGBTQIA+*, e tem como meta discorrer sobre o documentário *Se essa escola fosse minha* (2017), de Felipe Marcelino e Leticia Santos. Considerando a necessidade de recorte do objeto, o presente estudo prioriza as declarações de alguns entrevistados e suas respectivas relações com escolas que ainda flertam com o modelo hegemônico cisgênero e heteronormativo. Para análise do material, recorreremos aos textos de Teixeira Filho (2013) e Butler (2021), que se centram, basicamente, em questões que envolvem intolerância, violência e discurso de ódio. Em linhas gerais, detectou-se a insatisfação de grupos adolescentes LGBTs com a sala de aula. Tal insatisfação impulsionava os jovens a abandonarem os estudos ou a migrarem de uma escola para outra em busca de um espaço seguro que acolhesse a diferença e não naturalizasse a barbárie.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola. Documentário. Preconceito.

**RESUMEN:** El artículo es un extracto de una investigación más amplia, titulada *Mosaico de imágenes: escuela, prejuicio y violencia en el debate sobre la producción audiovisual LGBTQIA+*, y tiene como objetivo discutir el documental *Si esta escuela fuera mía* (2017), de Felipe Marcelino y Leticia Santos. Considerando la necesidad de centrarse en el objeto, este estudio prioriza los dichos de algunos entrevistados y sus respectivas relaciones con escuelas que aún coquetean con el modelo hegemónico cisgénero y heteronormativo. Para analizar el material utilizamos textos de Teixeira Filho (2013) y Butler (2021), que se centran básicamente en cuestiones relacionadas con la intolerancia, la violencia y el discurso del odio. En términos generales, se detectó insatisfacción entre los grupos de adolescentes LGBT con el aula. Tal insatisfacción llevó a los jóvenes a abandonar sus estudios o migrar de una escuela a otra en busca de un espacio seguro que acogiera la diferencia y no naturalizara la barbari.

**PALABRAS CLAVE:** Escuela. Documental. Intolerancia.

**ABSTRACT:** The article is an excerpt from a larger research, entitled *Mosaic of Images: school, prejudice, and Violence in the Debate on LGBTQIA+ Audiovisual Production*, and it aims to disagree with the documentary: *If This School Were Mine* (2017) by Felipe Marcelino and Leticia Santos. Considering the need to focus on the object, this study prioritizes the statements of some interviewees and their respective relationships with schools that still flirt with the cisgender and heteronormative hegemonic model. Texts by Teixeira Filho (2013) and Butler (2021) were used to analyze the material, which basically focused on issues involving violence and hate speech. In general, dissatisfaction was detected among LGBT adolescent groups in the classroom. This dissatisfaction led young people to abandon their studies or migrate from one school to another to find a safe space that welcomed differences and did not naturalize barbarism.

**KEYWORDS:** School. Documentary. Prejudice.

---

## Introdução

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quais quer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas (ADORNO, 1965, p. 01).

O presente artigo integra uma pesquisa mais abrangente, intitulada *Mosaico de imagens: escola, preconceito e violência no debate da produção audiovisual LGBTQIA+*<sup>2</sup>, ao qual me dediquei ao longo dos últimos cinco anos. Esta investigação científica pretende problematizar, especificamente, um gênero pouco abordado do campo audiovisual e também de considerável apelo entre adolescentes e jovens: o documentário, verificando como três produções nacionais se apropriaram do debate relacionado à escola, ao preconceito e à diversidade sexual nas últimas décadas.

Propõe, em linhas gerais, mapear o processo de representação da população LGBTQIA+ inscrito em relatos, imagens e sons que recuperam experiências de *bullying* em sala de aula e que foram veiculados, nas plataformas digitais, a partir de três documentários brasileiros: *Se essa escola fosse minha* (2017), *(Sobre) vivências* (2018) e *Depois da tempestade* (2018). Dada a necessidade de recorte do objeto, este estudo contemplará, apenas, o documentário *Se essa escola fosse minha* (2017), com 33.539 visualizações na plataforma digital do *You Tube*.

Antes, porém, de tecermos as particularidades do citado documentário, convém rastreamos os antecedentes que culminaram na escolha do tema, na opção metodológica e na filiação a um particular *corpus* teórico. Como professor de Literatura no Ensino Fundamental II e Ensino Médio em uma escola particular de Presidente Prudente (SP), percebi, ao longo de quatro anos de exercício, que as temáticas que envolviam o universo da identidade de gênero e da orientação sexual sempre causavam certo desconforto entre os estudantes e suas respectivas famílias.

Frequentemente os pais condenavam a escola por adotar títulos de Babette Cole, Aluísio Azevedo ou Caio Fernando Abreu em razão da presença de uma, ou outra personagem LGBT. Produções cinematográficas dessa ordem, dirigidas por Pedro Almodóvar ou Ang Lee,

---

<sup>2</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outras orientações e variações de gênero.

igualmente sofriam retaliações. Quando propus, porém, em uma aula sobre variação linguística, falar sobre linguagem inclusiva e pronome neutro, ficou explícito o discurso de ódio e intolerância frente a grupos transgêneros ou não-binários. Expressões, carregadas de hostilidade, religiosidade ou ironia, de que “só existem dois gêneros”, “Deus criou o homem para mulher” ou “isso é falta de vergonha na cara”, serviam apenas para confirmar uma hipótese formulada logo que iniciei minha jornada como docente da Educação Básica: parte significativa daqueles adolescentes, de 14 a 17 anos, havia incorporado, de seus pais e de alguns professores, uma visão de mundo bastante conservadora, estereotipada e pautada no fundamentalismo religioso. Informavam-se, basicamente, a partir de conteúdos que circulavam na plataforma do *You Tube* ou em grupos de *whatsapp*.

Paralelamente, os estudantes tinham como referência deputados evangélicos que entoavam discursos transfóbicos ou demais políticos que se elegeram por meio da homofobia. A própria produção cultural contemporânea, dirigida a crianças e adolescentes, parece reforçar ainda mais o preconceito. A representação da maior parte dos protagonistas de filmes, histórias em quadrinhos e animações gráficas ainda parece obedecer à heteronormatividade, à imagem do cisgênero. É como se os avanços propagados pela indústria cultural ainda revelassem limites, demarcações, fronteiras. A rigor, era aceitável introduzir uma ou outra heroína afrodescendente, mas insistir em destacar uma personagem LGBT tornava-se ainda inviável. No máximo, a condição de coadjuvante, com tons bastante estereotipados, como pode ser apreciado na construção visual do tubarão Lenny (*O Espanta Tubarões* (2004)) ou na figura controversa e diabólica do antagonista andrógino Ele (*As Meninas Superpoderosas* (1998)).

Tantas inquietações conduziam-me à reflexão em torno das atuais políticas públicas e das diretrizes curriculares que se voltavam às temáticas de gênero e sexualidade no espaço escolar. Logo, convém sublinhar que termos como “pluralismo de ideias” e “tolerância” já constam na *Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional* (9394/1996). Em 1998, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* já sinalizavam o debate em torno da orientação sexual, incluindo este tópico como tema transversal. Nesse sentido, pensar na contribuição da *Base nacional Comum Curricular* (2018) tornou-se imperativo, uma vez que tais diretrizes subsidiavam as práticas pedagógicas, apresentando objetivos detalhados acerca do conteúdo que deveria ser contemplado em sala de aula.

Contudo, de acordo com Filipe, Silva e Costa (2021), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é definida como um projeto no qual a educação escolar desempenha o papel de formar o aluno para a vida adulta, colocando o preparo para o mercado de trabalho como

principal foco. O documento mostra-se fundamentado nos princípios de habilidades e competências, oferecendo aprendizagens que, na maioria das vezes, são restritas a conhecimentos básicos e que apelam ao discurso sedutor de autonomia e autodidatismo. Em linhas gerais, oferecem à classe trabalhadora o mínimo de conhecimentos para que consiga se adaptar ao capitalismo vigente, ao mercado de trabalho. Como pontuam os autores mencionados, consolida-se, aqui, uma visão de educação como serviço a ser oferecido pelo Estado em níveis de suficiência e não de excelência.

Silva (2020), por sua vez, acrescenta a esse debate que, no processo de aprovação da BNCC, tópicos importantes direcionados às questões de gênero e sexualidade sofreram nítida resistência de setores conservadores da sociedade, suprimindo, assim, termos, expressões ou conceitos que reportassem ao debate em torno da temática LGBT. Nesse sentido, “o processo que culminou na aprovação da BNCC em dezembro de 2017 foi marcado por uma verticalização das decisões, a exemplo do que aconteceu com as questões de gênero e sexualidade, que foram removidas do documento pelo Conselho Nacional de Educação por orientações do MEC” (SILVA, 2020, p. 145).

Logo, confrontar o silenciamento do debate sobre gênero e sexualidade nas políticas públicas contemporâneas com as vozes dissonantes que ecoam no documentário *Se essa escola fosse minha* (2017) revelou-se, enfim, como uma das pretensões dessa pesquisa. Contudo, diante da necessidade de um recorte maior do objeto, contemplaremos apenas o discurso verbal, ou seja, as declarações inscritas no núcleo de entrevistados.

## A escola e a diáspora

Os documentários, em linhas gerais, definem-se não apenas um gênero audiovisual sustentado por um efeito de sentido monofônico, mas, sobretudo, sistemas semióticos pautados por um ponto de vista particular acerca da realidade (MELO, 2012), em estreita articulação com as vertentes do jornalismo. São caracterizados como veículos midiáticos que carregam determinada concepção política de mundo, de um lugar de fala e, principalmente, de uma visão de educação. O documentário *Se essa escola fosse minha* (2017) foi desenvolvido pelos acadêmicos de Comunicação Social, Felipe Rocha Marcelino e Letícia Eunice Leotti Santos, na Universidade de Brasília.

O material audiovisual, disponível nas plataformas digitais do *You Tube*, procura revelar as vivências, agruras e percalços da população LGBTQIAPN+ em sala de aula. Em linhas gerais, o documentário tem como meta: “a) Retratar as experiências, os anseios, os medos, as reflexões e as visões de mundo de estudantes que não estão inseridos nos padrões de feminilidade, masculinidade e orientação sexual dominantes; b) Evidenciar o papel socializador e normativo da escola, que pode se configurar como um espaço excludente ao silenciar as subjetividades dos corpos que nela estão inseridos; c) Gerar reflexão acerca de estratégias e políticas para se combater a discriminação de gênero e orientação sexual nas escolas” (MARCELINO; SANTOS, 2017, p. 15). Para tanto, intercala as vozes de diferentes sujeitos que se encontram em sala de aula ou retomam as experiências que envolvem preconceito, dor e exclusão do período em que transitavam pelos bancos escolares.

Compondo um quadro bastante heterogêneo e complexo, fundamentado em diversas biografias, o vídeo também incorpora depoimentos de professores LGBTQIAPN+, parlamentares, artistas, gestores, representantes de grupos ativistas e pesquisadores das áreas de Psicologia e Antropologia. Eles são responsáveis por problematizar, a partir de diferentes perspectivas e campos do conhecimento, o fenômeno da homofobia e seus impactos nas diversas trajetórias de vida. Essas revelações são apresentadas ao espectador ao longo dos 40 minutos de exibição do filme. No geral, conta com as contribuições dos seguintes entrevistados<sup>3</sup>: Victor Stoimenoff, Mickael Pederiva, Taya Carneiro, Iana Mallmann, Matheus Oliveira, Fábio Felix, Luan Oliveira, Jef Cardoli, Nilton Aguilar, Vitor Gomes, Melissa Massayury, Eduardo Kimura, Graça de Paula, Tatiana Lionço, Mariah Gama, José Zuchiwschi, Silvero Pereira, Murilo Silva, Felipe Cordeiro e Erika Kokay.

O título da obra, *Se essa escola fosse minha*, reporta, a partir da intertextualidade e da memória afetiva do espectador, à cantiga popular *Se essa rua fosse minha*, marcada pelo tom amoroso e por vezes sentimental: “Se essa rua/ Se essa rua fosse minha/ Eu mandava/ Eu mandava ladrilhar/ Com pedrinhas/ Com pedrinhas de brilhante/ Para o meu/ Para o meu amor passar<sup>4</sup>”. A conjunção condicional (“Se”) que abre a oração subordinada, como também o emprego do verbo “ser” no pretérito imperfeito do subjuntivo (“fosse”), deixam transparecer a informação de que a escola não pertence ao enunciador. Uma escola, conseqüentemente, distante, inatingível, ausente. A modalização do enunciado pode ainda sugerir um aspecto

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.alguemavisa.com.br/2017/07/14/documentario-se-essa-escola-fosse-minha-fala-sobre-agressao-sofrida-por-jovens-lgbtqia/>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/cantigas-populares/134098/>

lamuriante por parte do locutor: trata-se de uma escola que, infelizmente, não lhe pertence, fator que gera tristeza, angústia, marasmo.

A sequência de agentes entrevistados e seus respectivos depoimentos, tanto na condição de alunos, professores ou pesquisadores, ressalta a homofobia como o principal elemento desencadeador da exclusão. Isso possibilita que a escola se torne um ambiente distante e, ao mesmo tempo, desprovido de qualquer identificação por parte dos estudantes. É na sala de aula que os alunos, que não se enquadram no modelo cisgênero ou heteronormativo, encontram a humilhação, a ofensa, a vergonha, o discurso de ódio. A resposta para tal conduta pode ser verificada nos altos índices de evasão entre os estudantes. Ou seja, diante da falta de acolhimento por parte da comunidade escolar, dos constantes ataques dos demais alunos e da omissão de parte expressiva dos docentes, abandonar a sala de aula emerge como a melhor (ou talvez única!) alternativa entre as vítimas.

Tal dado pode ser confirmado no depoimento da estudante Melissa Massayury (29 anos): “E aí me proibiram de usar o banheiro feminino. Nessa época, eu não sabia o que fazer. Vou usar o banheiro masculino? Exatamente. Fizeram comigo um acordo de, cinco minutos antes do intervalo, eu poderia usar o banheiro masculino. E aí teve uma reunião de professores para falar que eu poderia sair cinco minutos antes, mas não fizeram uma reunião com a instituição para debater melhor o assunto. Então eu comecei a ter de usar o banheiro masculino. Aí eu evadi. Eu percebi que não era um lugar que me recebeu bem”.

O medo da violência e a busca por uma escola aberta à diversidade sexual constituem inquietações que movem jovens LGBTQIAPN+ em uma peregrinação constante por diversas instituições de ensino, configurando quase que uma *diáspora* em busca de um local que revele a sensação de pertencimento e, conseqüentemente, ofereça segurança. É o que podemos observar, por exemplo, no relato de Mickael Pederiva (16 anos): “Eu mudei para muitas escolas até que consegui achar uma escola que ficasse de boa, que repetasse meu nome e onde eu pudesse usar o banheiro e não sofresse ameaça”.

Observações similares ganham contornos ainda mais pungentes no depoimento de Taya Carneiro (23 anos): “Em todos os dias, em todas as turmas, em qualquer lugar que eu ia, eu era a bicha da sala. E sempre apanhava”. Matheus Oliveira (17 anos), por sua vez, não destoando das demais vozes veiculadas pelo documentário, também expressava sua angústia com relação à escola, aos alunos, aos professores. Revelava que chegou a ser reprimido pelos gestores por conta de seus trejeitos, o que acentuava, ainda mais, o desconforto em estar na instituição de



ensino: “Eu só queria sair da escola... porque não dava mais... Entendeu? Eu não era bem-vindo naquele ambiente”.

Segundo Butler (2021), o discurso de ódio, marcado por uma seleção lexical peculiar, levanta a questão sobre quais são as palavras ou representações verbais que ferem e ofendem. “Ser ferido pelo discurso é sofrer uma perda de contexto, ou seja, é não saber onde se está” (BUTLER, 2021, p. 15), deixando, assim, o destinatário “fora de controle” (BUTLER, 2021, p. 15). O signo verbal, imerso em um contexto social, histórico e político, expressa as visões de mundo acerca da realidade e partilhadas por determinado grupo. A filósofa estadunidense salienta que afirmar que a linguagem “fere”, que as palavras “machucam” ou “mutilam”, implica combinar vocábulos de diferentes campos semânticos. “O uso de um termo, como ‘machucar’, sugere que a linguagem pode ter efeitos semelhantes ao da dor física ou de um ferimento” (BUTLER, 2021, p. 16).

Formulações assim indicam que a injúria linguística atua de forma similar à injúria física. A ideia de que o discurso fere entremostra uma relação intrínseca entre corpo e fala, como também, conseqüentemente, entre a fala e seus efeitos. Teixeira Filho (2013), também atento ao discurso de ódio, explica que as condenações às práticas homoeróticas reportam à Idade Média. Naquele contexto, a palavra “homossexualidade” ainda não existia e, em seu lugar, recorria-se ao vocábulo “sodomia”.

A proibição à sodomia acabava se fundamentando em códigos hebraicos que buscavam “separar o puro do impuro, a ordem da desordem, tanto entre as pessoas quanto entre os animais e as relações destes elementos entre si” (TEIXEIRA FILHO, 2013, p. 123). Nessa linha, os judeus tinham restrições claras e punições severas direcionadas às práticas sexuais que não se revelassem procriativas. Logo, no que diz respeito às relações homoeróticas, o problema que detectavam residia na ejaculação, ou seja, no fato do “sêmen vir a ser desperdiçado” (TEIXEIRA FILHO, 2013, p. 123). Conseqüentemente, tanto a masturbação quanto o sexo anal tornavam-se práticas condenadas, criminalizadas, concebidas como pecado contra a natureza humana e contra a vontade de Deus frente à possibilidade de procriação. Rechaçar as relações entre pessoas do mesmo sexo por meio da palavra, do signo verbal, da seleção lexical que leve à dor, tornou-se uma prática constante e que demonstrou, a partir dos relatos do documentário, ainda estar em evidência na contemporaneidade.

Luan Oliveira (15 anos), que integra o grupo de adolescentes entrevistados no documentário, apresenta uma declaração bastante peculiar: “As pessoas LGBTs não podem, simplesmente, ir para uma escola qualquer, como as outras pessoas podem fazer. E só se



preocupar com os estudos. Também precisa se preocupar com o lugar. Se vão aceitar como elas são. E um lugar onde vão se sentir seguras”. Nota-se, por meio do discurso transcrito acima, o receio do entrevistado frente à violência contra a comunidade LGBTQIAPN+. Violência, inclusive, intensificada no espaço escolar. Revelar-se *gay*, lésbica ou transexual pode, nesse sentido, acarretar consequências nocivas, o que leva muitos sujeitos a se esconderem, aderindo a um jogo de máscaras com a meta de garantir a própria sobrevivência. Em harmonia com esse argumento, Castañeda (2007) salienta que o homossexual nem sempre se revela como homossexual. O heterossexual, sim.

Homens e mulheres heterossexuais, em suas relações familiares, sociais e profissionais, apresentam um quadro bastante previsível: sexo biológico, orientação sexual e papéis sociais tendem a convergir e a formar uma identidade estável. “Em contrapartida, sujeitos homossexuais não se deslocam no mundo com uma identidade constante. Suas atitudes, seus gestos, seus modos de entrar em relações com os outros mudam conforme as circunstâncias. Ele pode parecer heterossexual no escritório, assexuado com sua família e expressar sua orientação sexual somente na presença de alguns amigos” (TEIXEIRA FILHO, 2013, p. 19). Pode, igualmente, negar a própria homossexualidade e exibir um comportamento distante de sua orientação sexual.

Teixeira Filho (2013) acrescenta que a premissa heteronormativa impõe-se para disciplinar e controlar os corpos e os prazeres mediante uma ilusória linearidade entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais. Partindo, assim, da virilidade e da heterossexualidade como norma, Teixeira Filho (2013) sugere que homens homossexuais são vitimados, pois, de acordo com o imaginário popular homofóbico, igualam-se às mulheres como eventuais receptores de pênis.

As mulheres homossexuais, igualmente, encontram-se em condição de vítimas, tendo em vista que deixam de cumprir sua função reprodutora e não são aceitas no universo viril, ainda que masculinizadas, pois, “ao se identificarem enquanto lésbicas, assumem uma postura ativa em relação ao seu desejo sexual; mas tal atividade é exclusiva do universo masculino, portanto, são rechaçadas por estes e pelas outras mulheres, pois quebravam a barreira do silêncio em relação à suposta passividade feminina” (TEIXEIRA FILHO, 2013, p. 146).

Consequentemente, entre os impactos e sequelas da homofobia sobre a população LGBTQIAPN+, Teixeira Silva (2013) destaca a negação do sujeito em relação à própria atração sexual, as tentativas de alterar ou suprimir tal atração, a baixa autoestima manifestada na imagem negativa do próprio corpo e, sobretudo, a busca por mecanismos compensatórios com

o intuito de mitigar o medo e a vergonha de desapontar os pais ou familiares. Nesse sentido, será comum encontrar jovens *gays*, lésbicas e transexuais com boas notas e dedicação excessiva na escola. Trata-se de uma forma que encontram para serem aceitos em uma sociedade hostil e intolerante, que elege o modelo cisgênero e a heteronormatividade como únicas formas de expressão sexual. É esse aprisionamento que inviabiliza a projeção de outras identidades alternativas.

### Considerações finais

*Se essa escola fosse minha* (2017) centra-se, basicamente, em cinco tópicos que impulsionam a reflexão acerca da presença e silenciamento de grupos LGBTQIAPN+ em sala de aula. Fazem parte dos citados tópicos: a) Inquietações, dúvidas e desconforto com a própria sexualidade; b) O *bullying* sofrido nos corredores escolares; c) Os dilemas do professor LGBTQIAPN+; d) as relações entre a escola, a família e o adolescente ou criança que não se “enquadra” no modelo heteronormativo e cisgênero; e) A interminável travessia, de uma escola para outra, em busca de uma educação, e, por conseguinte, de uma equipe pedagógica, que acolha, aceite e respeite a diferença.

Considerando esse quadro, o presente artigo buscou contemplar o último tópico, problematizando os dilemas de adolescentes que não atendem ao perfil preconizado pela escola, instituição que acaba punindo ou marginalizando jovens *gays*, lésbicas, travestis ou transexuais. Entre um e outro relato, eleva-se a denúncia contra muitos educadores que ainda abordam a homossexualidade como uma patologia, um desvirtuamento, um problema psiquiátrico. Acrescentaríamos, ainda, docentes que declararam, abertamente, certo asco ou desconforto frente a alunos com comportamentos e sexualidades diferentes do que foi apregoado pela norma.

Assim, ao estudante resta percorrer várias instituições de ensino, e nesse contexto, a metáfora da diáspora LGBTQIAPN+ é bastante pertinente, em busca de sua própria sobrevivência. Por outro lado, insistir na busca por uma escola diferente, mesmo que deparando-se, constantemente, com modelos conteudistas, que desconsideram o multiculturalismo e que não exercitam a tolerância perante a diversidade e a adversidade, parece, ainda, ser uma forma de resistência para estudantes homossexuais e transgêneros. A esse respeito, são válidas as palavras de Adorno: “que Auschwitz não se repita. Ela foi a

barbárie contra a qual se dirige toda a educação” (1967). Preservar, portanto, as múltiplas formas de preconceito significa, infelizmente, o retorno aos escombros de Auschwitz, a continuidade da barbárie e, sobretudo, o desprezo pela vida humana.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BUTLER, J. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual**: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. São Paulo: Editora Girafa, 2007.

FILIPE, F. A.; SILVA, D. S.; COSTA, A. C. Uma base comum na escola: análise do projeto educativo da Base Nacional Comum Curricular. **Ensaio**: avaliação e políticas públicas educacionais. Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, p. 783-803, 2021. DOI: 10.1590/S0104-40362021002902296. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/PbZbjrWHzzQ3Yt4LBFzK6NF/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MARCELINO, F. R.; SANTOS, L. E. L. **Se essa escola fosse minha**. Memorial descritivo. Brasília: Universidade de Brasília; Faculdade de Comunicação, 2017.

MELO, C. T. V. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2012. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24168. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SILVA, E. L. Pânico moral e as questões de gênero e sexualidade na BNCC: debates e posicionamentos em torno da finalidade do ensino de História. **História, Histórias**, Brasília, v. 8, n. 16, p. 143–169, 2020. DOI: 10.26512/rhh.v8i16.31928. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/31928>. Acesso em: 15 jul. 2023.

TEIXEIRA FILHO, F. S. **Psicologia e Teoria Queer**: das identidades aos devires. 2013. 200 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

### Filmografia:

*As Meninas Superpoderosas*. Estúdio: Hanna-Barbera Cartoons. Estados Unidos, 1998.

*Depois da tempestade*. Direção: Bruno Nomura. Londrina (PR), 2018.

*O Espanta tubarões*. Estúdio: Dream Works SKG. Estados Unidos, 2004.

*Se essa escola fosse minha*. Direção: Felipe Marcelino e Letícia Leotti Santos. Brasília (DF), 2017.

*(Sobre) vivências*. Direção: Leonidas Taschetto e Gabriel Celestino. Canoas (RS), 2018.

### CRediT Author Statement

---

**Reconhecimentos:** Não aplicável.

**Financiamento:** Não aplicável.

**Conflitos de interesse:** Não houve conflito de interesses de ordem pessoal, acadêmica ou institucional.

**Aprovação ética:** Por tratar-se de uma pesquisa de teor ensaístico, não houve a necessidade de submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa.

**Disponibilidade de dados e material:** O documentário *Se essa escola fosse minha* (2017), objeto do presente estudo, encontra-se disponível na plataforma do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=NHJMDuhruz8>.

**Contribuições dos autores:** O artigo constitui o recorte de uma pesquisa maior, de minha autoria, intitulada *Mosaico de imagens: escola, preconceito e violência no debate da produção audiovisual LGBTQIA+*, a ser desenvolvida de 2023 a 2025.

---

**Processamento e editoração:** Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

